

EM CIMA DO ACONTECIMENTO:

«Cantares de Manhouce» Faz o Lançamento do Seu Primeiro Disco

Se bem que a sua existência remonte há longínqua década de 30, não há muito ainda (por volta dos anos 80) que o «Grupo Etnográfico de Cantares e Trajes de Manhouce», ressurgiu em defesa de uma das mais populares riquezas culturais.

De então a esta parte, mercê do seu inegável valor, foi um crescer de popularidade e admiração, ao ponto de poder hoje considerar-se na primeira linha do folclore nacional.

Mas, lá diz a lenda: «Quanto maior é a nau, maior é a tormenta» e, ao prestígio grangeado, naturalmente que maiores vicissitudes se juntaram.

O leitor poderá fazer uma ideia, mas certamente que não a terá rigorosamente em relação a quanto é exigido àqueles que vocacionados estão em prestigiar a sua (nossa) terra, mais do que isso, em honrar a memória dos seus (nossos) progenitores, pela riqueza que nos legaram.

Sem pretensiosismos de espécie alguma, «Cantares de Manhouce» aí está no galartim dos MAIS, procurando não só valorizar-se, mais do

Continua na pág. 2

EM CIMA DO ACONTECIMENTO:

«Cantares de Manhouce» Faz o Lançamento do Seu Primeiro Disco

(Continuação)

que isso, valorizar os outros. Comprovando-o, está a gravação do seu primeiro «LP», cujo lançamento ocorrerá, dentro de dias, no prestigioso Hotel Ritz, em Lisboa.

Como sempre, «Tribuna de Lajes», consciente das suas responsabilidades no desempenho do papel a que se propôs, não podia ficar indelicadamente a um feito inédito, que ocorre no historial daquele agrupamento sempre-dinâmico.

Daí até à indispensável entrevista, foi mais curto o caminho do que o percorrido pelos nossos interlocutores — Prof. Isabel Silveira (Presidente), António Silva (Presidente) e Eng. Carlos Alberto Tavares (o «Relações Públicas», qual «faz tudo» que, não sendo de Manhouce, é uma autêntica dedicação ao Grupo) — para que aquela se consumasse.

A prazível lareira de um dos restaurantes (Miradouro) do nosso burgo, foi o local mais confortável à frigidéz daquela noite.

Identificados que estão os representantes de «Cantares de Manhouce» (que passam a ser identificados por C. M.), falam os outros intervenientes: Prof. Luís Manuel (L. M.) e Valentim Bizarro (V. B.).

Postos tais considerandos, passamos ao assunto que motivou o encontro:

V. B. — Antes do mais, a oportunidade para uma retrospectiva ao ontem, ao que é hoje, sem deixar de perspectivar o que poderá vir a ser o amanhã do «Grupo de Cantares de Manhouce»!

C. M. — O Grupo de Cantares de Manhouce, começou como «Rancho Folclórico», em 1938. Como é natural, foram inúmeras as dificuldades encontradas ao longo dos anos, o que levou à sua quase inactividade. Mais tarde, e porque da Direcção da «Casa de Lajes» fizessem parte alguns Manhoucenses, o Grupo foi convidado para si actuar. Embora um tanto desorganizado, lá fomos até Lisboa. A TV esteve presente e a nossa exibição foi transmitida no «País», motivando as pessoas para prosseguirem. Este, poderá dizer-se, foi, portanto, o motor de arranque do «Cantares de Manhouce».

Posteriormente, surge em convites para terras próxi-

mas e o Grupo anima um bocadinho, até que apareceu, seguidamente, o Festival do Algarve. Colocámos o problema das dificuldades da nossa desorganização e da inactividade do próprio grupo. Mesmo assim, lá fomos como que «atrados às ferás», altamente recessos, mas tudo correu bem. E aqui, não podemos esquecer a acção ponderante do Dr. C. Matias.

A partir de então, «Cantares de Manhouce» passou a ser outras perspectivas.

V. B. — Há pessoas que pensam (dizem mesmo) que «Cantares de Manhouce» é um Grupo de formação recente?

C. M. — Não é verdade. C. M. é um grupo que tem raízes e não um grupo de há dois dias como, sabemo-lo, por aí se diz. O «Grupo de Cantares de Manhouce» é fruto de há muitos anos. Já em 1961 Manhouce foi a um festival, a Santarem (aqui é-nos mostrado um cartaz desse festival, sendo em título de manchete, com fotografia, duas lindas e actualizadas caras do grupo) onde não se dançou, mas simplesmente se cantou.

Em «Tribuna de Lajes» de 5 de Julho/73, onde se fala da história da Antologia da Música Regional Portuguesa, aparece Manhouce — S. Pedro do Sul — Viseu. Isto prova bem que o Grupo não é recente. Portanto, não é por mero acaso que um Grupo de Cantares surge.

Tudo tem a sua história, não sendo por acaso que possuímos estes documentos, assim como as visitas de personalidades ligadas à música folclórica portuguesa, tem visita do, desde 1968, Manhouce. Também não é mera casualidade que, quando dum visita presidencial (Américo Tomás) a Viseu, o conhecido Pedro Homem de Melo publicamente, depois da nossa atuação, ser difícil ao nosso agrupamento que se seguiu, igualar-nos. Este, portanto, mais uma razão da nossa já longa existência.

L. M. — Não sendo Manhouce uma terra onde predomina a riqueza, ouro, como justificam que o «Grupo de Cantares» exiba tantas peças deste metal precioso?

C. M. — Era um invejável momento que as famílias faziam para um maior enriquecimento do dote de seus filhos, principalmente das filhas em fase pré-casamento. Hoje são os amigos que, num gesto de verdadeiro baltris-

mo, fazem questão em que os seus corações, medalha, crucifixo, coração, ou brincos, sejam exibidos pelos componentes do grupo, tradição esta que continua, sendo uma constante. É esta a melhor forma de preservar um património que foi adquirido e ainda existe em Manhouce.

L. M. — A Etnografia e o folclore estudam os usos e costumes numa certa região. Como justificam que C. Manhouce cante o «Senhor da Pedra», que se situa à beiramar e depois o «S. Macarinho» da nossa zona, assim como é capaz de ter (embora não conheça) o «Vira de Manhouce»?

C. M. — Porque foi sempre um Povo muito curioso e que sentia a necessidade de se divertir. Além disso, havia a estrada romana, que ligava ao Porto e as mulheres de Manhouce iam vender os seus produtos a esta cidade. Assim, tiveram conhecimento do «Senhor da Pedra» e daí nasceram as romarias, o que implicou a cantiga.

O «S. Macarinho» é quase como aquela, só que, neste não havia a necessidade de vender produtos, mas sim uma crença religiosa.

E' verdade, também temos o «Vira de Manhouce», típico, que é cantado ao desafio e que já foi gravado na década de 60. E' o chamado «Vira da Aldeia» e que voltará a ser reeditado no «LP» prestes a sair.

L. M. — O «Vira» teria ou não sido fruto das migrações das gentes de Manhouce já que há «Vira» em muitas outras zonas?

C. M. — E' sem dúvida fruto das migrações. Para complementar esta afirmação existe também em Manhouce a «Rabela», que é, sem dúvida, referência ao Douro e que nasceu na inspiração das migrações para as grandes quintas daquelas zonas, por alturas das vindimas. E tal como canta a Isabel:

«Avó, minha rica Avó,
Venha Cantar a Rabela,
Os moços ainda não sabem,
Que eu quero aprendê-la.»

E mais tarde, aproveitavam esta cantiga em dias das ceifas e de malhas.

O grande musicólogo do folclore português, Armando Leza foi, em 1938, designado para avaliar o folclore de Manhouce, para representar o Distrito de Viseu nas comemorações do Centenário do mundo Português, em Lisboa. Mais tarde, por volta da década de 60, esteve 15 dias em Manhouce, em casa do sr. Dr. Silvestre e nós cantámos muitas canções. Entre elas o «Olha a Barca, Olha a Barca» e dizia ele: «Como é possível Manhouce cantar,

no meio desta serra, tal cantiga, se ela não é conhecida na beira litoral de onde sou oriundo?»!

L. M. — Quais as grandes dificuldades que têm surgido até aqui?

C. M. — São imensas. Sabe que numa pequena aldeia como Manhouce, com 60 ou 70 fogos, que apresenta em grupo de cantares com valor nacional, manter um grupo a este nível e aguentar-se como se tem aguentado é muito difícil.

Não esqueçam que estivemos em 2 festivais no Algarve e só não estivemos em outro, por mero azar da nossa parte, o que lamentamos, pois nunca mais conseguiremos recuperar o tempo perdido. Tudo isto por falta de apoio!

L. M. — De quem?

C. M. — De quem nos poderia ajudar neste momento. Por exemplo, a Assembleia Municipal que já deveria ter dito alguma coisa sobre «Cantares de Manhouce», inclusive imposto à Câmara que nos fosse concedido maior apoio, pelo muito que temos feito pelo nosso Concelho e pela Região de Lajes.

Como é do conhecimento, a «Casa de Lajes» solicitou as 3 Câmaras da Região que considerassem o Grupo «de Interesse Regional».

A Câmara de Vouzela já deu o seu aval. Tanto quanto sabemos, particularmente, a de Oliveira também está receptiva a tal facto; da nossa, nada sabemos.

V. B. — Não terá havido da vossa parte qualquer gesto ou atitude de menos apreço para com aquela Esplanada que ajude a justificar tal atitude?

C. M. — Pensamos que não, até porque «Cantares de Manhouce» é apatridário. Não faz campanha por A, nem B e nem quer entrar em litígio com quem quer que seja.

Se, em qualquer altura, por qualquer motivo, porque fomos apanhados de surpresa, ou por distração, se ve-

rificou qualquer lapso e, nos agradecimentos públicos, se fez qualquer omissão ao nome da Câmara, pedimos desculpa. Não foi intencional: por isso nos penitenciamos.

Um outro aspecto que pretendemos aclarar, relacionado com a não divulgação, algumas das vezes, do nome de S. Pedro do Sul, em programas televisivos: —

Num desses programas, transmitido do Coliseu do Porto, tivemos uma «briga» com a locutora, já que esta não queria por Manhouce — S. Pedro do Sul. Só depois de muitas insistências é que ela se propôs a anunciar o nome do concelho a que, com honra, pertencemos. De resto, que vantagens advêm da sua não divulgação?

Simplemente, acontece que, muitas das vezes, nos temos de render à evidência, porque ao fazer tal exigência, logo nos respondem que não estamos ali em representação de S. Pedro do Sul, mas sim do distrito, o que, efectivamente, é com orgulho o afirmamos; muita vez acontece.

V. B. — A população vive e sente os problemas do Grupo no seu dia a dia?

C. M. — Sem margem para dúvidas, isso é prova o facto de a população chegar a estar levantada, até altas horas da noite, para ver o Grupo actuar.

V. B. — O apogeu da notabilidade, mesmo quando se lhe é reconhecido valor (como é o caso do grupo) não se atinge por mero acaso. Neste aspecto, que dificuldades encontram, quais e de quem os apoios (que os tiveram naturalmente) recebidos?

C. M. — Há duas formas de apoio. O moral e o financeiro. Aquele é tão necessário e útil como este. O calor e os aplausos do público contêm algo de invisível, mas que se sente!

No aspecto material, foram vários os apoios recebidos, tais como, D. G. de

Continua na pág. 4



A CHAVE DE S. PEDRO

Almeida & Irmão, L.^{da}

Praça da República — Telef. 717 25

3660 S. PEDRO DO SUL

PRONTO A VESTIR

EM CIMA DO ACONTECIMENTO:

«Cantares de Manhouce» Faz o Lançamento do Seu Primeiro Disco

(Continuação)

Turlamo, Camaras de S. Pedro do Sul, de Oliveira de Frades e de Viseu, Comissão de Turlamo de Viseu, várias Entidades particulares, ou simples Amigos do Grupo de Manhouce.

L. M. — Os principais objectivos do folclore são os usos e costumes sociais, tradições sociais e religiosas, superstições e crenças, literatura oral, medicina popular, práticas mágicas e de bruxaria, festas e festividades, traços populares, música, danças e jogos populares, artesanato, calíndria cerimonial, etc.

Acerca do artesanato sabia que Manhouce tinha algo de se poder aproveitar. Ainda existe alguma coisa?

C. M. — Sim. Especialmente colchas, toalhas, tapetes (alguns ainda funcionam) e as mantas de pelo de cabras, genuinamente Manhoucenses e que ainda existem.

L. M. — Se, porventura, em S. Pedro do Sul fosse criado um Museu, Cantares de Manhouce importaria-se de expor algumas das suas peças artesanais — traços, instrumentos musicais e outras peças do seu património?

C. M. — Cantares de Manhouce está neste momento empenhado em defender esse património, pois é um dos «sabouqueros» do Centro Social, que irá ter o Museu de Traje e outras peças artesanais, o que não quer dizer que periodicamente possam vir a ser expostas no futuro Museu de S. Pedro do Sul. Manhouce existe, precisamente, para ajudar, mas também gosta de ser ajudado.

L. M. — Em calíndria cerimonial, existe alguma coisa em Manhouce?

C. M. — Sim. Um prato

típico, que é a vitela com batata assada no forno e arroz.

L. M. — Mas isso aparece em muitas ementas dos vários restaurantes do País. Poderá afirmar-se ser esse um prato típico de Manhouce?

C. M. — Sem dúvida que esse é mesmo típico de Manhouce. Mas há mais. Em assados no forno, Manhouce tem autênticas maravilhas e não podemos esquecer os enxidos, o presunto e os doces, confeccionados pelas mulheres de Manhouce. Os pratos vulgares desta terra, são ricos em qualquer restaurante.

V. B. — Deixando o Luís entregue à difícil escolha das delícias culinárias Manhoucenses, avançamos com nova questão: Cantares de Manhouce apressa-se para escrever, no seu já rico historial, um facto inédito como é, sem dúvida, o lançamento do primeiro «LP». Para quando tal acontecimento?

C. M. — Está previsto para o fim do corrente mês. Para além de ser um facto inédito, pensamos também que vamos ter boa aceitação, isso mesmo se poderá deduzir do facto de a Firma «Valentim de Carvalho» nos ter já contactado nestes termos: «Quando quiserem venham gravar a 2.ª parte do novo disco». Isto dirá, por certo, do interesse daquela Firma.

Ficou histórica a nossa passagem pelos seus estúdios, quando da gravação do disco. Enquanto alguns profissionais necessitam de 2/3 dias para gravar um número, o Grupo de Cantares, numa manhã e numa tarde, gravou 18 canções: 12 para o disco prestes a sair e 6 para o próximo!

V. B. — Algum programa

especial a assinalar tal facto?

C. M. — Alguma coisa terá de ser feita. Pensamos fazer uma festa em Lisboa, estando previsto um beberefe no Hotel Ritz, para o qual serão convidados todos os órgãos de comunicação social.

V. B. — Por força do seu indiscutível valor, Cantares de Manhouce é, por tudo e por nada, solicitado, aceitando a actuação, em alguns casos, sem o mínimo de condições. Não receiam que isso se possa tornar corriqueiro e funcione em desprezo do próprio grupo?

C. M. — Nós queremos divulgar o nosso folclore, só isso nada mais. De facto, temos actuado, algumas vezes, em precárias condições; porém, sabemos que se as pessoas nos convidam, é porque gostam de nós. Sempre que actuamos, parecemos mais adeptos. Talvez por isso mesmo dizem hoje que somos um grupo de interesse para a região, se não mesmo para o Distrito.

L. M. — Quantos elementos compõem o Grupo instrumental e quais os instrumentos?

C. M. — Como instrumentos, temos banza, viola, violão, viola baixo, cavaquinho e bandolim.

L. M. — São estes instrumentos típicos de Manhouce?

C. M. — Sem dúvida.

L. M. — Perspectivas do G. de Cantares em termos de futuro. Tem alguma escola de música. Escola de costumes e tradições?

C. M. — Infelizmente nada disso existe. Porém, temos um Rancho Infantil, onde já há elementos que podem vir a dar continuidade ao Grupo.

L. M. — O traje de «meia senhora» não é exibido. Porquê?

C. M. — Embora exista o traje de «meia senhora», este nunca foi exibido, na medida em que todas as mulheres de Manhouce gostam mais do traje «domingueiro», pois este ainda é da Avó, da Mãe, da Tia e, como tal, ainda são os verdadeiramente genuínos. Repare que ainda há uma senhora em Manhouce que guarda, religiosamente, o seu traje de casamento para mais tarde lhe vir a servir de «mortalha»!

V. B. — Para quando a já tão falada digressão ao Brasil?

C. M. — Era para ter sido em princípios de Setembro, mas houve atrasos na concessão de subsídios. Ainda hoje não está definitivamente assente, pois o Grupo está condicionado à disponibilidade dos seus componentes, que como é do conhecimento, todos trabalham.

Perdida que foi a oportunidade das Férias Grandes, resta-nos agora o Natal ou a Páscoa.

Aproveitamos a oportunidade para tornar público que a Casa de Viseu no Rio de Janeiro já nos escreveu, ole-

recendo as suas instalações no Rio, assumindo a responsabilidade das nossas deslocações em terras de Santa Cruz; prometeu-nos, ainda, no caso de aceltarmos a sua proposta, levar-nos a Santos e a S. Paulo!

V. B. — Mas essa digressão não esteve inserida num concurso de traços antigos, promovido pela Comissão das Festas da Vila?

C. M. — Quanto a isso, «Cantares de Manhouce» ganhou um prémio, num concurso de traços antigos, nas Festas da Vila/St. Houve uma classificação e deram-nos a igualdade, no 1.º prémio de «traje domingueiro». Até hoje nunca mais nos disseram nada sobre esse assunto!

A certa altura, pensamos que já teriam contactado Aveiro (nós somos do Concelho, ainda vamos tendo paciência para esperar mais algum tempo) colocaram-nos o problema de desistir do prémio, recebendo, depois, outra compensação. Respondemos que do prémio monetário poderíamos prescindir, desde que nos fosse garantida outra compensação. De qualquer outro prémio significativo não abdicaríamos.

Entretanto, estranhámos que a vencedora do «traje aristocrático» já tivesse recebido o prémio correspondente, e nós nada de nada!

V. B. — Tanto quanto julgamos saber, um dos objectivos próximos é a

construção da vossa tão desejada sede. Em que ponto se encontra?

C. M. — Em princípio, demarcámos a alva. Primeiro, marcar a nossa posição como grupo folclórico do país; depois arranjarmos instalações para tudo isso. A nossa sede vai ser, de facto, uma realidade. Neste momento dispomos de 1.200 contos, que nos foram concedidos pela Extensão Agrária.

A conversa já ia longa. Nela foram tocados vários aspectos da vida quotidiana de um dos agrupamentos do nosso Concelho. Outros, por certo, irão ter também aqui a sua oportunidade.

N. R. — A entrevista acima foi conduzida pelos nossos prezados colaboradores prof. Luís Manuel Rocha e Valentim Bizarro.

— Acrescente-se que o G. C. de Manhouce esteve presente no programa televisivo «Já Cá Cantar», no passado dia 21.

Restaurante Miradouro

Casamentos—Baptizados

O Local Ideal Para a Sua Refeição

PEDEIRA — Tel. 71529 S. PEDRO DO SUL



Stand Moto S. Pedro

DE
Bernardino José Henriques
Rua Além da Fonte

Telef. 71695 — S. PEDRO DO SUL

Agente das melhores marcas de bicicletas motorizadas: «E. F. S.» - «Famel» «Casal» - «Sachs» - «Tróia» - «Motos MZ» — Agente Oficial.

Atomizadores e Moto-serras «Moclock» «Husqvarna» e «Dolmar».

Para Ser Bem Servido

VISITE «STAND MOTO S. PEDRO»

Oficina de Reparações e Acessórios